

A representação do feminino na Revista Adventista entre 1939 e 1945: aproximações iniciais¹

Cleyton R. SOUZA²
Fábio A. DARIUS³

RESUMO

A Revista Adventista é um importante veículo de comunicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil (IASD). Quando se trabalha o gênero feminino na IASD, desde a perspectiva bíblica encetada em sua teologia, é possível observar a construção e difusão de mentalidade no periódico. A revista, em diversas colunas, procura abordar a vida e atividade cristã sem se mostrar exclusiva a um determinado gênero: todavia, abordar-se-á apenas a percepção do gênero feminino neste recorte. Como se percebe a representação do gênero feminino, expresso na Revista Adventista entre os anos 1937 a 1945, tendo como conjuntura o Estado Novo, além do citado conflito? A justificativa de tal análise está em perceber se e como o momento histórico contribuiu ou de alguma forma alterou o pensamento institucional e como este influenciou a comunidade. A IASD, embora dentro de um contexto repressivo pelo qual passava a nação, refinou suas premissas, fundamentada nos escritos de Ellen G. White e nas Sagradas Escrituras, a partir da Revista Adventista, abordando a conduta “ideal” da mulher cristã.

PALAVRAS-CHAVE: Adventismo; Revista Adventista; Gênero feminino; Estigma; Representação.

PALAVRAS INICIAIS

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) considera-se herdeira do protestantismo que foi iniciado a partir do movimento de Martinho Lutero (1423-1546) na Europa em 1517. O princípio do Movimento Adventista do Sétimo Dia remonta ao Millerismo do século 19 tendo como precursor William Miller (1782-1849), fazendeiro, pregador batista e estudioso das profecias. Miller, sob a perspectiva da profecia de Daniel 8:14, declarou interpretar a data da volta de Cristo, isto é, o dia da expiação em

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016.

²; Mestrando em Ciências da Religião, PUC-SP. Graduado em História pelo UNASP-EC. Contato: cleytonkesler@gmail.com

³ Historiador (FURB), mestre e doutor em Teologia (EST). Professor na faculdade de História do Centro Universitário Adventista de São Paulo, *campus* Engenheiro Coelho (UNASP). Contato: fabio.darius@unasp.edu.br

22 de outubro de 1844. Tal declaração fez com milhares de pessoas esperassem a volta de Cristo nesta data, onde o evento seria lembrado como “o grande desapontamento”.

Tal acontecimento faria com que inúmeras pessoas, antes adeptas, frustrassem-se com a condição, já que muitos inclusive haviam se desfeito de seus bens materiais. Desta forma a autopromoção haveria de tornar-se algo essencialmente substancial para o crescimento da IASD, que passaria a ser considerada instituição formal em 21 de maio de 1863, tendo como um de seus principais idealizadores, Ellen Gould White (1827-1925), mulher, moderadamente enferma, e negra⁴.

Tem-se como premissa fundamental para valorização de uma instituição (no sentido de visualização e percepção por parte da comunidade em geral), a comunicação integrada, utilizada em marketing e publicidade. Para uma melhor projeção, a IASD buscava refúgio no que se pode chamar, de forma análoga, de uma comunicação integrada. E é em 1874, que a expansão missionária e junto a ela seu material proselitista de informação e de comunicação integrada⁵, buscando assim inserir a IASD no cenário global, viria a entrar em atividade. Ainda que depois de 1844 o desapontamento tenha sido recolocado na cronologia e explicado à luz das Sagradas Escrituras, é possível observar que a popularidade da religião era demasiadamente pequena no campo norte-americano. Desde então, a IASD buscava a confecção de materiais que abarcassem suas necessidades, valorizando assim sua mensagem. A partir desse desenvolvimento e implementação, apenas no século seguinte explicado academicamente, a mensagem divina, apresentada sob forma de sonhos e visões para Ellen White era multiplicada.

⁴ Segundo Darius é “Em meio a essa dialética binomial “Terra-Céu”, que em grande medida ajudou a construir a identidade da nação estadunidense (e que perdura ainda hoje), nasceu e viveu a escritora e cofundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Ellen White, filha de pai descendente de europeu e de mãe caribenha: uma negra, portanto. Uma mulher negra à frente de uma denominação religiosa genuinamente americana e conservadora, em um contexto de perseguição e preconceito, por si só constitui um paradoxo apenas possível em uma nação democrática militante”. **DARIUS, Fabio A. De corpo, alma e espírito: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White.** São Leopoldo: EST/PPG, 2014. p.20

⁵ Segundo Shimp a “CIM é o processo de desenvolvimento e de implementação de várias formas de programas de comunicação persuasivos com clientes existentes e potenciais no decorrer do tempo. O objetivo da CIM é influenciar ou afetar diretamente o comportamento do público-alvo das comunicações. A CIM considera todas as fontes de marca ou contatos da empresa que um cliente ou prospecto tem com o produto ou serviço como um canal potencial para divulgação de mensagens futuras”. **SHIMP, Terence A. Propaganda e promoção: aspectos complementares da comunicação integrada de marketing.** Porto Alegre: Bookman, 2002. p.40

A IASD muito buscou investir em materiais que informasse a conduta ideal a ser seguida pela mulher. Periódicos como a *Revista Adventista* e *Revista Vida & Saúde*, no Brasil muito auxiliaram na construção de identidade do adventista do sétimo dia.

A *Revista Adventista*, como periódico oficial da IASD, foi criada em 1906, tendo como objetivo apresentar a mensagem a qualquer leitor que a ela tivesse acesso, bem como explicitamente subsidiar os já convertidos. James S. White (1821-1881), ao criar a editora *Review and Herald*, tornou-se o pioneiro nesse âmbito, isto é, institucionalmente, que de maneira semelhante a IASD brasileira adotaria como material de disseminação de sua mensagem peculiar.

Para tanto, é evidente que não somente a identidade e ética norte-americana impregnaria, ainda que moderadamente, o periódico, que conteria nuances sobre o papel da mulher na sociedade. Sobretudo a religião, segundo (SILVA, 2011) em um patamar cultural, busca ser universal, de maneira que são limitadas por aqueles que as conduzem e assim, legitimam regras e doutrinas, contribuindo inclusive para a formação dos recônditos do mundo feminino.

Uma coluna em particular foi criada para este fim. Trata-se da “Problemas femininos”, onde mulheres enviavam cartas relatando seus problemas, e, por conseguinte, a Mãe Noemi, um pseudônimo, da Noemi bíblica, sogra de Rute, respondia as inquietações destas mulheres. A primeira edição a conter a coluna sai em 1937 e continua até 1944, período de grande empoderamento feminino em âmbito mundial, lutando inclusive contra ações repressivas que permeavam ares mundiais neste período de 1939-1945. É sobre este discurso da *Revista Adventista* e trechos do Livro *Conte-me a sua História* de Odete Gomes Chavier de Lima, que é confeccionado este trabalho, pretendendo assim agregar de forma breve, recônditos do mundo feminino adventista do sétimo dia.

A HEGEMONIA NORTE AMERICANA NA FORMAÇÃO DO SUJEITO HISTÓRICO

Não é surpresa que a busca por afirmação hegemônica norte-americana influenciaria e muito na formação do sujeito histórico, de maneira que ainda na década

de 50, isto é, século XX, preconizava a ética protestante norte-americana, dando margem para o que será conhecido como “*american way of life*”. A nação estadunidense foi fundada sob alicerces protestantes, de maneira que sua chegada, sobrevivência e inclusive progresso eram creditadas a providência divina. Uma série de sucessões de predestinações compunha o imaginário do norte americano. E como sugere Karnal, (2004, p.21):

Desde o século XIX a explicação dos norte-americanos para seu “sucesso” diante dos vizinhos da América hispânica e portuguesa foi clara: havia um “destino manifesto”, uma vocação dada por Deus a eles, um caminho claro de êxito em função de serem um “povo escolhido.

Dentre todas as justificativas, não falta ao norte-americano adjetivos abissais que mostrem uma nação construída sob pilares ambíguos, paradoxais e ciclotímicos. Sobre esta provinciana prosperidade apresentada, Hertsgaard enumera suas opiniões quanto a sua passagem pela América estadunidense. De fato, sob o olhar de Hertsgaard, os norte-americanos, bem como seu país, nada mais compõem que uma nação comum com seus problemas. Todavia, seus pontos positivos e também negativos, estão carregados de extremos. Desta forma, como premissa para uma discussão, a lista segue, ainda segundo Karnal (2004, p.10):

1. A América é provinciana e egocêntrica.
2. A América é rica e empolgante.
3. A América é a terra da liberdade.
4. A América é um império hipócrita e dominador.
5. Os americanos são ingênuos em relação ao mundo.
6. Os americanos são filisteus.
7. A América é a terra da oportunidade.
8. A América acha que sua democracia é a melhor que existe.
9. A América é o futuro.
10. A América só pensa em si mesma.

Importante é entender que o sucesso desta nação se encontra atrelada a opção cultural escolhida por seus habitantes. De forma contrária a Igreja Católica, o protestantismo, especialmente o calvinismo, pregava uma conduta produtiva, de maneira que Deus amava o trabalho, a poupança, sendo a prosperidade sinal da graça divina. O contrário também deve ser levado em conta: o ócio é pecado e o luxo, não

menos pernicioso. Como um aforismo, (WEBER, 2004, p.143) coloca que: “O descanso eterno dos santos está no Outro Mundo; na terra o ser humano tem mais é que buscar a certeza do seu estado de graça”. Esta referência de prosperidade (WEBER, 2004) associa a graça calvinista, onde o mesmo faz uma breve descrição quanto a riqueza dos pastores. Ele não a enxergava, isto é, a riqueza, como obstáculo para pregação, mas algo desejável, de maneira que o prestígio criado pelo sucesso deste angariasse mais adeptos, tendo a única coisa a evitar, o escândalo.

Sobre a ética protestante, mais precisamente, sobre sua conduta, (MORSE, 1988, p.44) coloca que: “No terreno político-religioso, a tradição católica e a nova tradição protestante diferiam de maneira significativa acerca das fontes de orientação e julgamento a que devia responder a ação humana”. Morse aborda que o tratamento para com o sujeito anônimo, era discrepante nas esferas religiosas. De forma contrária a Igreja Católica, o protestantismo não apresentava complacência. MORSE (1988, p.48) reitera que:

Os ibero-americanos são partidários da doutrina da ordem social e os anglo-americanos são partidários do pragmatismo e da regeneração ou autotranscendência; ou quando dizemos que “a mente latino-americana” tende a uma visão compreensiva e unificadora enquanto a anglo-americana é empírica.

Desta forma a organização social, que necessariamente carece de órgãos que regimentem o coletivo, encontravam-se alocadas na perspectiva cultural de estados, nação, ou sociedade que admitiam o catolicismo e sua ética como formadora cultural.

Com o advento das religiões protestantes em solo norte-americano e suas instituições missionárias, o fator crucial para a imposição hegemônica, era a consideração de sua superioridade diante de locais não adeptos a ética protestante. Como exemplo, no Brasil os liberais observavam a imigração de homens protestantes e brancos como uma resolução para a lascívia e ócio da maioria da população de cor que haviam adotado a religião romana. (VIEIRA, 1980, P.239), argumenta que:

Parece-nos, também, pela evidência à mão, que o raciocínio dos liberais era de que os imigrantes brancos protestantes seriam uma arma de múltiplo propósito, com a qual se combateria todo tipo de 'atraso': (1) os imigrantes brancos protestantes trariam conhecimento

técnico para desenvolver o país; (2) a população branca por fim superaria a negra e (3) o imigrante protestante seria, afinal, econômica e politicamente bastante forte para contrabalançar o poder político e a influência da Igreja Católica

Desta forma o protestantismo, diante de países considerados improdutivos, possuía certo prestígio, tanto pela questão da superioridade racial, mas não somente a etnia, mas a forma cultural com que o protestantismo e sua ínfima relação com o capitalismo observava o trabalho, fazendo com que as forças produtivas tivessem melhor desempenho. Inclusive as forças estatais, isto é, os políticos abriram espaço para que a inserção de protestante no país fosse uma realidade. Ribeiro (1973, p. 13) contrapõe dizendo que: “Nossa cultura criou condições para a introdução e o estabelecimento do protestantismo no país: não fomos forçados a recebê-la, mas recebemo-la deliberadamente, voluntariamente”.

É possível então observar que o posicionamento de Boanerges Ribeiro e David Gueiros Vieira diverge quanto a inserção do protestantismo no país com uma receptividade excepcional. No entanto, a ética protestante possuía um aliado, até então, inquestionavelmente prospero: os Estados Unidos da América (EUA). Afinal, grande parte dos missionários que se dissipavam continente afora, tinham como berço o EUA. A religião possuía um excelente papel no que se refere a controle social. Karnal (2004, p. 102) coloca a respeito dos conversos ao protestantismo no EUA, que:

Essas ideias geraram um grande movimento de reforma social, em que muitos convertidos se organizaram em associações voluntárias para combater o pecado e os males sociais e conquistar o mundo para Cristo. A maioria dos convertidos, cidadãos da classe média, ativos em suas comunidades, procurava ajustar-se ao mundo da nova economia por caminhos que não violassem a moral e os valores sociais.

Assim, no final do século 19, já era possível observar a criação de organização que procurava disseminar a palavra de Cristo na perspectiva protestante, afinal, as outras nações merecem obter uma longevidade tão serena e próspera quanto aquela em que viviam. Sobretudo que esta imposição de hegemonia e disseminação de mensagem proselitista viria a alavancar no que pode ser chamado de “despertar missionário”.

No delinear deste percurso histórico a construção social do feminino se deu. De fato, o feminino era preconizado pelo recôndito que o sujeito masculino o sugeria ou impunha. Ellen G. White, cofundadora da IASD, testemunha ocular do contexto ora apresentado, elucida a conduta “ideal” para a mulher, sendo esta gestora da cozinha educadora dos filhos dentre outras situações, considerada por algumas feministas como Simone de Beauvoir (1908-1986)⁶ espaço de reclusão. Beauvoir (1970, p.13) coloca que estas: “vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo habitat, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens — pai ou marido — mais estreitamente do que as outras mulheres”. Este estilo de vida norte-americano, patriarcal, imperialista e determinista, por vezes associado ao “*american way of life*”, permearia o âmago da IASD.

DE MULHER PARA MULHER

Ellen G. White, cofundadora da IASD e considerada profetiza, por muitas vezes escreveu sobre a conduta esperada do membro da IASD, de maneira que, não somente mulheres, mas também homens e jovens entendessem o papel a desempenhar na sociedade. White considera a família como o princípio da sociedade. Esta sendo bem estruturada, formaria melhores cidadãos e, por conseguinte, uma sociedade plenamente em conformidade com os propósitos divinos, apesar das vicissitudes da própria existência. Desta forma, a posição de rainha do lar, não corresponde ao regime de opressão similar a sociedade secular, mas, a de uma proposta de desenvolvimento holístico de cidadãos da família para IASD e para sociedade. White (2007, p.168) coloca que:

Toda jovem deve ser educada de tal maneira que, se chamada a ocupar a posição de esposa e mãe, possa governar como uma rainha em seu domínio. Deve ser plenamente capaz de guiar e instruir os filhos,

⁶ Simone Ernestine Luci Marie Bertrand de Beauvoir, filósofa, existencialista, feminista e teórica francesa. Foi uma das maiores expoentes do feminismo intelectual, isto é, pertencente a segunda onda. Possuía uma relação marital com o idealizador do existencialismo, Jean Paul Satre. Seu maior sucesso é o Livro o Segundo Sexo, muito embora possua outros ensaios.

dirigir os empregados e, se necessário, ministrar com as próprias mãos às necessidades do lar.

Embora a afirmação possa parecer impositiva sob uma primeira análise, a obra continua inteirando (WHITE, 2007, p.17) “os deveres essenciais que devem ser executados. Estude como realizar com alegria os deveres simples, desinteressantes, domésticos, mas muito necessários, que se relacionem com a vida no lar.”

Deve-se salientar que White como produto de seu tempo, fora influenciada pela mentalidade da época, de maneira que este padrão se perpetua até dias posteriores a sombra dessa proposta. Como vai ficar evidente nos periódicos da revista Vida&Saúde de anos posteriores a primeira república.

Leitor amigo, leve para casa Vida e Saúde. [...] Passe-a depois à sua senhora. Ela aí sorverá informações que, como dona de casa cada vez mais perita que deseja ser, não quererá de modo algum modo algum dispensar. Gentil leitora, depois de ler, todos os meses, a revista (não esquecendo, especialmente, a sua página, a “Página da Dona de Casa”)..(Revista Vida e Saúde, janeiro de 1939, p. 3.).

De fato, a conduta e o direcionamento pretendido, pela IASD objetava não somente a delimitação e alcance do gênero feminino, mas também a adaptação ao padrão moral e ético da sociedade. (MALUF; MOTT, 1998, p. 374)

A imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo Estado e divulgado pela imprensa. Mais que isso, tal representação acabou por recobrir o ser mulher – e a sua relação com as suas obrigações passou a ser medida e avaliada pelas prescrições do dever ser.

Interessante observar que Para Maluf e Mott, a conduta da época é mais um produto cultural, que um dogma pregado por qualquer órgão regulador da sociedade. Dessa forma a conduta da mulher na IASD, era influenciada pelos escritos de Ellen White, e também pela sociedade da época. White (2007, p. 4) coloca que: “O Senhor tem uma obra para as mulheres, da mesma forma que para os homens.” Desta forma o

papel da mulher não se finda em sua função, mas na nobreza da ação que é cuidar de um lar, preparar um filho para a sociedade e também alcançar almas.

O SUJEITO HISTÓRICO FEMININO NA IASD BRASILEIRA

Sob os escritos de Ellen G. White, a conduta da mulher brasileira⁷ dentro da IASD, refletia e muito o proposto nos escritos da profetiza. Embora a mulher sofresse repressão pelos fatores biológicos e patriarcais, é em meio a religião que estas encontram efetiva participação na liderança, mostrando assim a alteração significativa no sujeito histórico. Odete Gomes Xavier de Lima ao escrever a história de Clarice Costa Araújo, mulher de pastor, relembra as memórias de sua mãe. De acordo com Lima (2010, p.39): “As mãos laboriosas de minha mãe, preparando a massa de bolo “moça bela”, biscoito de queijo e pão integral, se tornaram marcas e exemplo vivo em minha mente”. Na descrição da mesma história de Clarice (LIMA, 2010, p.54) reitera: “Acompanhem, sempre que possível, seu esposo no labor diário. Sejam sempre auxiliadora. Este é o plano de Deus para vocês. Cuidem do lar. Façam dele o melhor lugar do mundo. Outro relato de Lima, agora sobre Hilda Francisca Hosokawa, no tópico “Minhas Citações prediletas de Ellen White” parece bem pontual: “Vossas palavras e ações tem uma influência direta sobre o rumo futuro de vossos queridos. Vossa obra não visa uma bela forma sobre a tela, ou burilá-la no mármore, mas imprimir a imagem divina na alma humana” (LIMA, 2010, p.219). Na descrição do mesmo relato, Hilda viria a comentar sobre seu trabalho na Casa Publicadora Brasileira, onde existia um culto matinal. Naquela manhã o Pr. Shuenemann conduzia o devocional, (LIMA, 2010, p.212) reitera:

No culto matutino da CPB ele narrou o que presenciara, e disse ter tido vontade de nos censurar, por recear algum acidente de trabalho por distração. Mas concluiu que estávamos alegres e fazendo o trabalho numa atmosfera celestial. Nessa época eu trabalhava numa máquina de grampear revistas.

⁷ Ellen G. White não escreve especificamente para a mulher brasileira, mas para o gênero feminino em geral, tendo em vista, que partia do pressuposto da cultura a qual era inserida, ou seja, a sociedade norte americana.

Sem dúvida o ambiente da editora adventista, Casa Publicadora Brasileira (CPB) era mais atrativo para o trabalho feminino, já que em comparação com indústrias da primeira república onde mulheres eram bestializadas, a atitude do Pr. Shunemann, este que conduzia o culto matutino, embora paradoxal, pode-se dizer que era menos intolerante que a percepção que coloca que: “Ameaçadora para a sexualidade feminina, a fábrica é recusada por esta geração operária como lugar de degeneração moral, como antro da perdição e da prostituição, em consequência da aglomeração promiscua e estreita dos dois sexos no trabalho”. (RAGO, 1997, p.22) Interessante perceber que o reflexo desta ameaça, não sexual, mas de descontentamento com o status quo, é encontrado inclusive em uma carta da coluna “Problemas femininos” (REVISTA ADVENTISTA, novembro, 1945, p.28):

Suas cartas têm despertado em mim o ardente desejo de lhe escrever também. Mas eu não queria fazê-lo, temendo que outras pessoas soubessem vou dizer. Trabalho num escritório onde se encontram muitas outras moças. Comecei a trabalhar logo depois de terminar o curso ginásial, e o primeiro ano foi muito bom. É agradável ter meu dinheiro e poder fazer aquilo que me apraz. Resido em casa; todavia, costumo pagar a pensão e o quarto a minha mãe. Mesmo assim, ainda sobra bastante dinheiro para roupa e extraordinários. Já recebi aumento de salário três vezes, de modo que não existe perigo de perder o emprego. Quando vejo outras moças que não podem empregar, nem receber auxílio algum de casa, penso que sou a mais feliz do mundo. Ultimamente, porém, comecei a imaginar se minha vida vai continuar sempre assim! Duas de minhas irmãs mais moças já ficaram grandes formara-se e se casaram, desde que iniciei o trabalho. Uma delas tem um filhinho agora. As vezes ela parece bem mais velha que eu. Outra foi embora, com o marido para uma fazenda. Espera trabalhar arduamente até que posa por os negócios em dia. Mas nenhuma delas se cansa dos afazeres. Pensam que eu seja muito feliz com meu bom emprego e tanta roupa boa que tenho. Ninguém imagina que eu sempre viva triste na solidão. Muitas vezes choro quando entro em meu quarto. Não sei porque não pude achar um jovem que se agradasse de mim. Nunca pretendi ficar solteirona a vida inteira. Eu não queria que alguém dissesse que eu só desejava arranjar casamento. Pode ser que não há dúvida de que existe um vácuo em meu coração.

Considerando que por ser uma revista denominacional poucas seriam as mulheres com acesso a tal, isto é, não se trata de uma revista com um grande mercado

consumidor. Por ser um relato dentro de uma revista denominacional, deve ser considerada a parcialidade de tal relato, bem como a verossimilhança. Sobretudo, se tomado o relato como verossímil, o contexto desta moça, por nome (Cristina), a qual escreve a carta demonstra uma relação de *outsider*⁸. Não fosse o fato das diretrizes da religião serem moldadas por homens em sua maioria, a mulher de acordo com o padrão imposto estigmatiza a que não se encontra de acordo. Neste caso, mesmo que sem grande afirmações a mulher *anômica*⁹ é tratada como *outsider*, já que “os indivíduos “superiores” podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes — julgando-se humanamente inferiores teria proeminência” (ELIAS, 2000, p.13). Cristina então encontra-se com a característica de *outsider*, onde mesmo possuindo proeminências, não se acha confortável diante esta situação.

A resposta de Noemi é um tanto reflexiva, de maneira incentivadora e instigadora, propõe a Cristina que não se preocupe com os laços matrimoniais e tenha maior consideração pela realidade. (REVISTA ADVENTISTA, Novembro, 1945, p.29):

Não sei se a ajudara a notícia de que recebo muitas cartas semelhantes a sua. A vida vai passando dia a dia, tão mecanicamente, que os anos fogem antes que nos demos conta da norma que ela atende na época atual. Não nos parece termos escolhido definitivamente certa espécie de existência. Disto todos estão inteirados. E então, repentinamente, você chega a ver que é a “filha mais velha, ainda sem se casar”. Você nunca pensou em ser uma solteirona. Às vezes, pensa ser vítima de grande desventura, o que ocasiona profunda tristeza (...). Não sei como ficara se eu lhe disser. Ou a qualquer outra moça: “Não, nunca me casei. Não sou contra o casamento, mas os rapazes que cheguei a conhecer, quando estudante, não se interessaram por mim, ou não sei mais o que dizer. Agora trabalho ano após ano, já me habituei com esta vida”. É bom que você saiba disto. Talvez pense que seja uma coisa horrível fazer tal declaração. No entanto, depois que fizer a

⁸ Segundo Elias: “Na língua inglesa, o termo que completa a relação é *outsiders* os não membros da “boa sociedade”, os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. Note que o autor interpreta *outsider* como aqueles que não possuem congruências suficientes para tentar uma tomada de poder, tornando-se assim os *established*.

⁹ A Anomia segundo Emile Durkheim, possui um caráter de rotulo, já que se refere a ausência de leis, desta forma o sujeito anômico, é o sujeito que não se encontra em conformidade com as regras ou padrões impostos. DURKHEIM, E., 1982. **O Suicídio – Um Estudo Sociológico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

primeira, a segunda ou a terceira vez, sempre que surge o assunto. E creio que isso ajudará a desabafar o coração e tirar aquela tristeza que produz vontade de chorar algumas noites. Seu trabalho deve ser seguido a mesma rotina durante todo esse tempo. Nunca pensou em arranjar outra ocupação? Se seus pais estiverem bem e não precisarem de você em casa procure ver se consegue outra espécie de trabalho (...). Encontrar uma pessoa distinta, não quer dizer que queira arranjar um bom casamento. Mas a dificuldade está em ser essa espécie de gente (...). O ponto que desejo chegar, Cristina, é o seguinte: algumas vezes precisamos operar uma verdadeira transformação em nossa vida, adquirindo novos hábitos. Isto pode produzir resultados maravilhosos e as vezes nos transforma mesmo em novas criaturas.

É possível observar que a colunista “Mãe Noemi”, escreve com sobriedade, despertando uma tomada de consciência nas suas correspondentes. O que chama atenção na resposta de Noemi é o fato dela entender que existe uma norma e que ela se torna supérflua diante a “busca da felicidade”.¹⁰ Sobre a profissão de dona de casa, Mãe Noemi coloca (REVISTA ADVENTISTA, Janeiro, 1941, p.14)

Si se fizer a lida da casa como “vendo o invisível”, encontrar-se-á, no trabalho, descanso que é muito necessário, pois todos sabemos que cuidar da casa é uma profissão em que surgem constantemente reclamações. Diz-se que há religião em fazer pão saudável e gostoso (...) convenço-me mais e mais de que dos incômodos nervosos de que são vítimas as pessoas que vivem segundo as leis da higiene, são devidos à fricção no maquinismo dos costumes da vida diária, e não ao trabalho excessivo, como geralmente se acredita. Prezadas irmãs respeitamos a profissão de dona de casa, dedicando-lhe os nossos melhores e mais escrupulosos esforços.

Entende-se que de forma contraria, a comunidade adventista não prega uma imposição, ou seja, a profissão de dona de casa não se trata de mera conformidade, ou contentamento, mas de uma missão, como coloca (BEAUVOIR, 1970, p.7):

As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem;

¹⁰ Ver KARNAL, Leandro. FILHO, Clovis de B. **FELICIDADE OU MORTE**. São Paulo: Papirus 7Mares, 2016.

o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais.

Vale colocar que a tomada de consciência do gênero feminino, quanto a seu papel como sujeito e não como produto de uma ideologia massificadora, acontece de forma progressiva. Embora, por vezes, a similaridade entre alguns ideais adventistas e escritos feministas existam, as disparidades são muitas, quanto ao objetivo. Contudo deve-se salientar que a religião foi de importante auxílio para a apropriação da mulher como sujeito histórico. (ROSADO-NUNES, 2005, p. 364) coloca que: “ao adentrarmos uma das muitas igrejas ou templos que se espraíam nesse Brasil de religiosidade plural e forçadamente ecumênico, notamos de imediato a forte presença feminina. As mulheres compõem, de fato, a maioria da população de fiéis”.¹¹ A religião então é uma grande auxiliadora para trazer a mulher para fora de seu recôndito, afinal, segundo (PERROT, 2005 p. 33) “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”, ou seja, invisíveis, a religião auxiliaria na nova visibilidade do sujeito. Na Coluna “O Lar” A Rainha do lar, por: W. L. Bates coloca que (REVISTA ADVENTISTA, Janeiro, 1937, p.6): “A posição de uma mãe no lar deve ser a de uma rainha ou governante de seus domínios, mas assim como sempre tem havido mães rainhas, também sempre houve mães escravas (...) é a própria mães que lança o voto decisivo que irá determinar a que classe pertencera”

A conduta sexual, outro ponto importante para o estudo de gênero é algo firmado na IASD. Segundo o (MANUAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2000, p.193): “Essa intimidade destinada a ser exclusivamente partilhada entre o marido e a esposa, promove cada vez maior aconchego, felicidade e segurança, e possibilita a perpetuação da raça humana”. Importante é entender que a IASD como uma comunidade, pronuncia suas regras, neste caso, a Bíblia o determina. Sobre este pensamento Mãe Noemi responde mais uma inquietação. Conforme Revista Adventista (Janeiro, 1937, p.8):

¹¹ Esses dados sustentam a presença feminina nas comunidades religiosas e de religiosidade não unicamente cristã, mas que professa todo e qualquer credo. Disponível no site do IBGE. Disponível: < <http://teen.ibge.gov.br/images/teen/mulher/diainternacional/index.htm> > Acesso em 10 de julho 2016.

Tenho lutado com um problema em minha vida, e muito me alegrarei se a senhora puder ajudar. Sou moça adventista e trabalho num grande estabelecimento onde há também muitos moços. Tempos atrás um destes começou a fazer-me corte, e pretendíamos casar-nos, quanto melhorasse sua situação. Minha tristeza, porém, é esta: Disseram-me que ele não é moral, que tem relações ilícitas com mulheres, pretextando ser necessidade de homem. Para mim pessoalmente, ele sempre se mostra atencioso. Desde que soube disso tenho me desviado de seu caminho. Como, porém, o amo muito, é-me grande sacrifício tal procedimento. Que devo fazer?

Percebe-se uma inquietação da emitente em obter respostas quanto a suas perturbações, já respondidas, afinal, esta percebe o problema que haverá entre a permanência desta como pertencente ao corpo de membros da IASD e a submissão a seu desejo. Mãe Noemi Responde, conforme Revista Adventista (Janeiro, 1937, p.8):

Estou certa, a julgar pelo tom de sua carta, que seu nobre coração já lhe respondeu a própria pergunta. Ninguém poderá ler o ideal bíblico acerca das relações entre esposo e esposa (Efé 5:22-33), e tolerar qualquer ideia de relações promiscuas. A relação matrimonial, a união de uma mulher a um homem para estabelecer um lar e proporcionar mutuo conforto e auxílio, foi instituída pelo Criador no Éden, “e é uma benção sempre que a aliança matrimonial se fizer inteligentemente, no temor de Deus e com a devida consideração de suas responsabilidades”. – Ministry of Healing, pags 356, 357. (...) Para satisfazer a suas inclinações tem muitos alegando a “necessidade”. Isto é falácia. (...). Querida irmã, talvez ache que estou pregando dura doutrina, mas estou certa de que será uma mulher muito feliz se mantiver seu ideal de um homem e uma mulher cada qual guardando os seus afetos para a outra parte, unicamente. Estou certa de que mais tarde se alegrará de que assim tenha procedido, ainda mesmo que tivesse de ficar sozinha por toda vida.

Entende-se que a IASD, vê a conduta sexual como algo essencialmente crucial para o futuro, de maneira que a má conduta, isto é, a ação sexual desenfreada é uma atitude que certamente leva a pessoa ao “fundo do poço”. A sociedade em contrapartida, encontra diversas críticas quanto a exegese da conduta sexual. Foucault (1979) descreve o processo no qual o sexo da mulher fora patologizado no século XVIII, pelo médico e o psiquiatra. Notadamente a influência da religião quanto a conduta sexual, estaria impregnada nas documentações de estado, dando força para o casamento monogâmico e

heterossexual que permanecesse inquestionável até a década de 60. Interessante perceber, sobre a coluna Problemas Femininos, que o homem, considerado libidinoso, encontrava-se em conformidade com seu tempo, como coloca RAGO (1997, p.83):

Na verdade, a ciência médica e a psiquiatria posteriormente procurarão mostrar que o homem tem um desejo sexual mais forte do que a mulher por sua própria constituição biológica, o que por sua vez, justifica a busca da prostituta pelo marido que respeita a esposa, mas que precisa reafirmar cotidianamente sua virilidade.

Goffman (1993, p.9) reitera que “um homem de negócios pode exigir das mulheres um comportamento feminino ou um procedimento ascético por parte dos monges, e não conceber a si próprio como pessoa que devesse seguir qualquer um desses estilos de conduta”. Vale entender que diferente da imposição feita pela sociedade a conduta feminina na IASD não se trata de superioridade, mas um âmbito funcional. White considera a família como o princípio da sociedade. Está sendo bem estruturada, forma assim, melhores cidadãos e, por conseguinte, uma sociedade plenamente em conformidade com os propósitos divinos.

CONCLUSÃO

A IASD, sendo um movimento dito profético, mas com uma mensagem moderna, sofreu excertos da sociedade a qual participava, sem contudo, se desviar de sua mensagem. Desta forma, fica claro a participação nos escritos denominacionais a representação da mulher, para que possuísse uma conduta esperada.

A característica estadunidense de imposição hegemônica, muito auxiliaria na mentalidade e ética protestante, por conseguinte a Adventista. Fica evidente que a promoção de progresso fez com que as instituições religiosas tivessem certa receptividade

A coluna “Problemas femininos” de Mãe Noemi, expôs as dificuldades da mulher no período recortado, que mais se relaciona com o período de publicação da coluna que os acontecimentos de macro história, neste caso 2ª guerra mundial. A

relação da descrição feita nas cartas da coluna, possuem ínfima relação com historiografia do período, ou seja, época de repressão, estigma social e intolerância.

A percepção de diferentes disciplinas auxiliou na construção do trabalho, evidenciando assim a utilização de sociologia na formação social do sujeito feminino, a psicanálise estudando o estigma da época, da teologia aplicando a antítese da dialética, contribuindo para uma melhor interpretação da retratação das mulheres neste período

BIBLIOGRAFIA

LUPETTI, Marcélia. **Gestão estratégica da comunicação mercadológica**. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

SHIMP, Terence A. **Propaganda e promoção: aspectos complementares da comunicação integrada de marketing**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história** / Michelle Perrot: tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

DARIUS, Fabio A. **De corpo, alma e espírito: apontamentos históricos e teológicos acerca do tema santificação na obra holística de Ellen White**. São Leopoldo: EST/PPG, 2014.

SILVA, Eliane Moura. **Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões**. Revista de C. Humanas, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 225-234, jul. /dez. 2011.

KARNAL, Leandro. **Estados Unidos: a formação da nação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MORSE, Richard M. **O espelho de prospeto: cultura e ideias nas Américas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil Monárquico; 1822-1888: Aspectos Culturais de Aceitação do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1973.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. 2ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1970.

ROSADO-NUNES, M. J. F. Rita Gross. **Feminism and Religion, an Introduction** (Resenha). Revista Estudos Feministas, v. 10, n.2, p. 518-520, 2002.

_____. **O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões**. Cadernos Pagu (UNICAMP), v. 16, p. 79-96, 2001.

_____. **Gênero e religião**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2005, p. 363-365, maio-agosto 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 05 fevereiro 2016.

PERROT, Michelle. **Práticas da Memória Feminina**. Revista Brasileira de História, 9, v.9, n.18, 2009,

MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do Mundo Feminino**. In: NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. (Org.) História da Vida Privada no Brasil. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp.367-421.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: la identidad deteriorada**. 5ª ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

LIMA, G. X. de Lima. **Conte-me a sua história**. Certeza Editorial, 2010.

WHITE, Ellen G. **Beneficência Social**. 4 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **Filhas de Deus: mensagens especiais para as mulheres**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **O Outro Poder: conselhos aos escritores e editores**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

_____. **Orientação da criança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

_____. **Mente, caráter e personalidade**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001

_____. **Fundamentos da educação cristã**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007

RAGO, M. **Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Centro Universitário Adventista de São Paulo - EC, SP, 18/8/2016

DURKHEIM, Emile. **O Suicídio – Um Estudo Sociológico**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.